

Manuais de ensino de literatura francesa: uma discussão sobre gênero, cânone e ensino

Grace Alves da Paixão³¹
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

Neste trabalho, propõe-se uma discussão sobre as relações entre gênero, cânone e ensino, tendo como ponto de partida dois manuais : *Les grands auteurs du programme*, elaborado nos anos de 1950 por André Lagarde e Laurant Michard; e *Littérature Progressive du Français*, elaborado nos anos 2000 por Nicole Blondeau, Ferroudja Allouache e Marie-Françoise Né, manuais bastante difundidos no contexto brasileiro. O objetivo é observar neles a visibilidade de autoras e, assim, ensejar reflexões a respeito do apagamento das obras escritas por mulheres ao longo da historiografia literária francesa. Tal apagamento é visível na formação do cânone, na elaboração dos materiais didáticos e no ensino de literatura. A reflexão traz aportes de Bloch, Michelet, Compagnon, Proust, Barthes, Foucault e Dalcastagnè e demonstra que, nos tempos atuais, o ensino da literatura de autoria feminina é uma questão trazida pelos estudantes universitários e que os docentes cada vez mais são convidados a terem uma posição crítica em relação aos manuais.

Palavras-chave

Manuais de literatura francesa. Literatura e gênero. Ensino de literatura francesa.

³¹ Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo . Professora Adjunta na cadeira de Língua e Literatura Francesa na Universidade Federal do Espírito Santo.

Introdução

As diferentes formas de expressão da mulher revelam-se um problema não resolvido no mundo atual. No campo da literatura e do seu ensino, não é diferente: historicamente, as mulheres têm sido alijadas dos lugares de poder e silenciadas na expressão de sua subjetividade. Um forte mecanismo de repressão dá-se no afastamento da linguagem escrita que lhes é, via de regra, imposto. Não por acaso, a escolarização lhes veio tardiamente e o acesso ao universo escrito lhes foi cerceado em vários aspectos: na própria capacidade de ler e escrever e no tipo de literatura que poderiam ler e escrever (BLOCH, 1995; MICHELET, 1862).

Concordamos com Tedeschi (2016, p. 154-155) quando afirma:

Durante muito tempo, a escrita e o saber estiveram – e ainda, talvez, continuem – relacionados ao poder e foram usados como formas de dominação e de exclusão de determinadas vozes que tentaram ecoar algum som em meio ao silêncio que era imposto para que se mantivesse a ordem social em uma sociedade de base falocêntrica, patriarcal, machista e sexista.

Tal é a razão pela qual mulheres participam menos que homens da vida literária e que seus escritos têm menor visibilidade na crítica e na história. A literatura e o campo literário carregam marcas de uma sociedade misógina em que mulheres são vistas como seres inferiores física e intelectualmente: naturalmente dadas ao trabalho doméstico, sem capacidade de fruição artística e cujo raciocínio é dominado e enviesado por sentimentos e alterações hormonais.

Nas aulas de literatura estrangeira, uma questão central diz respeito à escolha das obras a serem abordadas: a literatura é campo vasto, as poucas disciplinas que lhe são costumeiramente reservadas nos currículos formam trilha estreita. Para cada autor inserido no programa de uma disciplina, uma significativa quantidade de outros deve ser descartado do plano de ensino. Não se pode esquecer que tal decisão passa por critérios afetivos, políticos, ideológicos, éticos e estéticos e também pelas contingências materiais e estruturais da instituição de ensino.

Vale, nesse sentido, lançar um olhar sobre os materiais produzidos para o ensino de literatura francesa, no intuito de refletir sobre as questões de gênero envolvidas nesse fazer e, com base nessa reflexão, atuar para que as obras escritas por mulheres sejam mais lidas nas aulas de literatura francesa. Atualmente, é incontornável a reflexão sobre a desigualdade entre

a representatividade de autoria feminina e masculina nos manuais didáticos, porque os próprios estudantes trazem à sala de aula o desejo de estudarem as autoras.

No início dos anos dois mil, Christine Planté (2003) já observava que são raros os registros de mulheres nos livros de história da literatura francesa. Dez anos depois, o estudo lançado pelo Centro Hubertine Auclert trouxe dados precisos que demonstram que, nos manuais franceses do ensino secundário, as mulheres são invisíveis em todos os domínios: literatura, artes, filosofia, jornalismo (BRET; BERTON-SCHMITT, 2013). Tais constatações trazem em si uma série de cogitações sobre a relação entre a formação do cânone, a elaboração de materiais didáticos e o ensino.

Pensando nisso, pretende-se lançar luz sobre dois manuais elaborados para o ensino de literatura francesa: (1) *Os grandes autores franceses do programa*, coleção de André Lagarde e Laurent Michard, datada dos anos de 1950; e (2) *Littérature Progressive du Français*, três volumes de Nicole Blondeau, Ferroudja Allouache e Marie-Françoise Né, datados do início dos anos 2000. Trata-se de livros que costumam estar disponibilizados nas bibliotecas das universidades brasileiras e figurar nas bibliografias das disciplinas; por isso, é comum que estudantes brasileiros tenham contato com esses materiais.

Lançados em temporalidades diferentes (cerca de cinquenta anos separam uma coleção da outra) e cujo perfil dos autores diverge bastante (a primeira coleção foi elaborada por dois homens, enquanto a segunda foi concebida por três mulheres), os manuais podem nos dar a ver aspectos das exclusões de gênero perceptíveis no ensino de literatura francesa.

Literatura Francesa: contextos de ensino e materiais didáticos

Para dar início à discussão, vale a pena observar que existem contextos plurais para o ensino de literatura francesa: as escolas e universidades francesas; as escolas e universidades de países francófonos e as escolas e universidades de países não falantes do francês, dentre outros. Em todos eles, as contingências de diversas ordens determinam a construção do saber. No caso do Brasil, o ensino formal de literatura francesa está quase que completamente restrito a poucas universidades públicas.

São cada vez mais escassos os cursos de Letras com habilitação em francês e, quando há, os currículos destinam menor espaço às literaturas. Desse modo, a formação em literatura francesa é via de regra escassa e deficitária, o que representa uma dificuldade imensa para o trabalho dos professores, que lidam com estudantes sem (ou com poucos)

conhecimentos prévios de literatura francesa, que apenas começam a formar um repertório de leitura na graduação.

Outra dificuldade tem a ver com o material didático acessível ao ensino dessa literatura: os livros disponíveis não foram pensados especificamente para o contexto brasileiro; as bibliotecas têm dificuldade de se atualizarem à medida do tempo e das necessidades. Uma maneira de contornar esses obstáculos é recorrer às fontes virtuais e procurar materiais em *sites* especializados, revistas *on-line*, blogs e MOOCs. Ensinar e aprender na era da internet tem vantagens incomensuráveis.

Assim, o vasto arsenal útil ao ensino de literatura francesa disponível na internet é um poderoso aliado no processo de ensino-aprendizagem. Cabe ponderar que, seja qual for o suporte ou formato do material didático, é preciso observar em que medida a literatura de autoria feminina ganha visibilidade. Precisamos analisar os pressupostos éticos, estéticos, políticos e ideológicos que subjazem à seleção das obras. A análise parece-nos relevante na medida em que está ligada a toda uma discussão sobre a presença da mulher nos espaços tradicionalmente ocupados por homens.

Sabemos que não tem sido fácil para as mulheres ingressarem no mundo literário. Suas produções são criticadas (no sentido negativo do termo); pouco publicizadas; desacreditadas tanto pelos contemporâneos, quanto pela posteridade. Os manuais de ensino não foram, via de regra, pensados para que essa exclusão seja discutida junto aos estudantes e têm sido instrumentos de perpetuação desse *status quo*. Por isso, é fundamental que o professor de literatura francesa traga a discussão para a sala de aula, levando os alunos a pensarem nos fatores que levam ao silenciamento das mulheres nas diferentes esferas que compreendem a literatura e seu ensino.

Os grandes autores franceses do programa, de André Lagarde e Laurent Michard

Os grandes autores franceses do programa é um manual de ensino de literatura francesa concebido por André Lagarde e Laurent Michard, nos anos de 1950. Composto por seis volumes que pretendem contemplar a literatura francesa desde a Idade Média até o século XX, foi pensado para estudantes franceses da Escola Básica em preparação para o *Baccalauréat*. Nos anos de 1970, ainda era considerado o manual oficial por meio do qual se difunde o ensino da literatura na França (HALTÉ; PETITJEAN, 1974) e até os tempos atuais costuma ser referência para brasileiros de nível superior. Na época da publicação, a falta de

representatividade feminina era uma questão pouco considerada no ensino de literatura. Assim, não se estranha o fato de haver imensamente maior visibilidade a autores homens.

Os autores não tinham a perspectiva de leitores estrangeiros, nem de universitários em cursos de Letras, mas jovens franceses em formação inicial em literatura francesa, durante o percurso escolar. No “*Avant-Propos*” do livro dedicado ao século XIX (LAGARDE; MICHARD, 1955, p. [s.n.]), os autores declaram que o objetivo da coleção é o de “formar espíritos cultivados” por meio do estudo dos “maiores autores”. Nesse sentido, vale a pena observar quais são os autores considerados “maiores” e “grandes”, os formadores dos espíritos das novas gerações, e em que medida as mulheres ocupam o lugar de formadoras dos espíritos, das opiniões e do pensamento.

É evidente que a escolha dos “grandes autores” não é aleatória, mas expressa uma construção social em torno do cânone: Lagarde e Michard têm por base as leituras exigidas no exame de acesso ao ensino superior francês, ensinadas na escola. Os materiais didáticos refletem uma tradição do ensino de literatura e das práticas de leitura de uma sociedade. O que não se pode negar é que tais práticas estão imbuídas dos valores do patriarcado.

No volume dedicado à Idade Média, além de textos sem autoria definida, são lembrados os seguintes autores: os cronistas Villehardouin Joinville, Froissart e Commynes; as fábulas e os poemas de Marie de France; os romances de Bérout e de Chrétien de Troyes; a literatura satírica de Pierre de Saint-Cloud, Croix-en-Brie e Richard de Lison; o teatro de Arnoul Gréban, Jean Michel, Adam le Bossu; o lirismo de Jean Bodel, Colin Musset, Rutebeuf, Guillaume de Machaut, Christine de Pisan, Eustache Deschamps, Charles d'Orléans, François Villon; o *Roman de la Rose*, escrito por Guillaume de Lorris e Jean de Meung.

São vinte e um (21) homens citados e apenas duas (2) mulheres. Entretanto, haver apenas duas mulheres em cena em um palco com vinte e um homens não chega a causar estranhamento, dado o contexto da sociedade medieval, em que o universo da escrita era reservado aos homens das camadas mais altas da sociedade, quase que exclusivamente. Nesse caso, cabe ao docente levantar a discussão em sala de aula, mostrando aos estudantes a disparidade e apontando os fatores extraliterários que estão em seu fundamento.

O volume voltado ao século XVI traz capítulos sobre Marot, Ronsard, Calvin, Rabelais, Du Bellay, D' Aubigné, Monluc e sobre Montaigne e cita alguns outros autores como: Rémy Belleau, Jean-Antoine de Baïg, Jodelle, Du Barthes, Desportes, Bertaut, Du Perron, Robert Garnier, Antoine de Montchrestienm Saint-Gelais, Héorët, Maurice Scève. Nenhuma autora retratada na vida literária da época. As perguntas que ficam são: não houve

mulheres escritoras no século XVI francês? Não há nenhuma mulher a ser estudada pela posteridade? Nenhuma das obras escritas por mulheres é digna e representativa de seu tempo?

No livro dedicado ao século XVII, por sua vez, os homens também são maioria: Mallherbe, Mainard, Racan, Régnier, Théophile de Viau, Saint-Aimant, Tristan L'Hermite, Scarron, Cyrano de Bergerac, Furetière, Honoré d'Urfé, Descartes, Corneille, La Mothe de Vayer, Pierre Gassendi, Alexandre Hardy, Gabriel Naudé, Saint-Évremond, Pascal, Molière, La Fontaine, Bossuet, Racine, Boileau, La Rochefoucauld, Guez de Balzac, Le Cardinal de Retz, Saint-Simon, La Bruyère, Fénelon. Para as mulheres: um parágrafo sobre casamento e feminismo; algumas linhas para Mlle de Scudéry no capítulo consagrado aos preciosos e burlescos; um capítulo inteiro dedicado à Mme de La Fayette; algumas páginas à Mme de Sévigné no capítulo “Cartas e Memórias”.

Quanto ao século XVIII: Bayle, Fontenelle, Regnard, Le Sage, Marivaux, Sedaine, Buffon, Vauvenargues, Rousseau, Bernardin de Saint-Pierre, Ponnignan, Delille, Lebrun, Gilbert, Chénier, Beaumarchais, Mirabeau, Vergniaud, Danton, Robespierre, l'Abbé Prévost, Montesquieu, Voltaire, Diderot, alguns outros autores que contribuiram à Enciclopédia. Não há notícias de obras escritas por mulheres, no manual. Mais uma vez, é preciso tentar compreender o porquê do apagamento da escrita feita por mulheres e, mais que isso, pensar em formas de inserir as mulheres escritoras daquele tempo nos programas de ensino de Literatura Francesa do século XVIII.

No volume do século XIX, há capítulos inteiros consagrados aos autores: Chateaubriand, Lamartine, Vigny, Hugo, Musset, Balzac, Stendhal, Mérimée, Leconte de Lisle, Baudelaire, Flaubert, os Goncourt, Zola, Verlaine, Rimbaud, Mallarmé. No capítulo sobre o romance idealista: Fromentin, Huysmann, Anatole France, Pierre Loti. Na explicação sobre o simbolismo: Laforgue, Samain, Moréas. No trecho reservado ao realismo e naturalismo, de novo: Flaubert, os Goncourt, Zola. Para ilustrar o Parnasse - além de Leconte de Lisle - Banville, Heredia, Sully Prudhomme, François Copée. Quando o assunto é a crítica: Sainte-Beuve, Renan, Taine. Os exemplos de historiadores são Thierry, Tocqueville, Michelet, Fustel de Coulanges. No teatro, os nomes que surgem são: Hugo, Musset, Vigny, Théophile Gautier, Nerval, Sainte-Beuve, Maurice de Guérin, Lamennais.

Às autoras, o livro reserva pouquíssimo espaço: poucas páginas a respeito de Mme de Staël no início; alguma explicação sobre Mme Desbordes-Valmore entre os autores de teatro; a presença de Georges Sand ao lado de Balzac, Stendhal, Mérimée. Embora o século XIX seja marcadamente o século da escolarização massiva na França, o que implica haver cada vez mais mulheres inseridas no universo do texto escrito, a desigualdade entre o

reconhecimento do que é escrito por homens e mulheres não acompanha a entrada das mulheres na vida literária e desconsidera sua produção literária.

A disparidade entre a presença de autores homens e mulheres nos manuais é também visível no volume consagrado à primeira metade do século XX, onde os homens ocupam o espaço em proporções gigantescas. Quanto aos autores de poesia, figuram os herdeiros do Simbolismo Émile Verhaeren, Maeterlinck, Henri de Régnier, Francis Jammes, Saint-Pol-Roux; os “fantasistas” Jean-Marc Bernard, Francis Carco, Tristan Derême, Jean Pellerin, Léon Vérane, Léon-Paul Fargue, Paul-Jean Toulet, os unanimistas René Arcos, Georges Duhamel, Charles Vildrac, Jules Romains e o exotismo de Paul Claudel, J.-A Droin, Victor Ségalen, Valery Larbaud, Blaise Cendrars, André Salmon, além da figura única de Guillaume Apollinaire. Também são evidenciados Jacques Prévert, René Char, Henri Michaux, Saint-John Perse, Joe Bousquet, P.-J. Jouve, Pierre Emmanuel, La Tour du Pin, Jean-Claude Renard. Apenas duas páginas dedicadas à poesia feminina do início do século, nas quais se destaca a figura de Anna de Noailles. Cita-se Gérard d'Houville, Renée Vivien, Lucie Delarue-Mardrus, Cécile Sauvage (cujas obras são associadas ao sentimentalismo e ao personalismo). Catherine Pozzi é considerada superior às demais, por ter “ambições viris”, ou seja, é a virilidade (característica do masculino) que os autores ressaltam como elemento positivo nas suas obras.

No teatro: Edmond Rostand, Octave Mirbeau, Jules Renard, Émile Fabre, Eugène Brieux, Paul Hervieux, François de Curel, Henry Bataille, Henry Bernstein, Georges de Porto-Riche, Maurice Donnay, Alfred Capus, Henri Lavedan, Abel Hermant, Georges Feydeau, Tristan Bernard, Robert de Flers, Armand de Caillavet, Georges Courteline, Alfred Jarry, Steve Passeur, Marcel Achard, Charles Vildrac, Paul Géraudy, Jean-Jacques Bernard, Édouard Bourdet, Jules Romains, Marcel Pagnol, Armand Salacrou, Jean Giraudoux, Jean Anouilh, Montherlant, François Mauriac. Nenhuma mulher.

Largarde e Michard mencionam as ideias filosóficas de Henri Bergson, Jean Jaurès e Charles Maurras e os ensaios críticos de Lanson, Julien Benda, Charles du Bos, Alain, André Maurois, Gabriel Marcel, André Malraux. Mais uma vez, nenhuma mulher. Em um capítulo sobre o Surrealismo: André Breton, Robert Desnos, Paul Eluard, Louis Aragon, Blaise Cendrars, Jean Cocteau, Max Jacob, Pierre Reverdy e Jules Supervielle.

A lista do gênero romance é longa: Anatole France, Paul Bourget, Romain Rolland, Maurice Barrès, Jules Renard, Édouard Estaunié, Alain-Fournier, Valery Larbaud, Louis Hémon, Roger Martin du Gard, Georges Duhamel, Jules Romains, Raymond Radiguet, Jean Giraudoux, Jacques Chardonne, Marcel Arland, Jacques de Lacretelle, Félix de

Chazournes, François Mauriac, Georges Bernanos, Marcel Jouhandeau, Julien Green, Henry de Montherlant, André Malraux, Antoine de Saint-Éxupéry, Henri Barbusse, Louis Aragon, Louis-Ferdinand Céline, Eugène Dabit, André Chamson, Georges Simenon, Maurice Genévoix, Ramuz, Jean Giono, Henri Bosco, Jean de la Varende, André Maurois e Marcel Aymé. Ganham capítulos inteiros Charles Péguy, Paul Claudel, Marcel Proust, André Gide e Paul Valéry, Jean-Paul Sartre, Albert Camus, Julien Gracq. Junto a esses nomes, apenas o de duas mulheres: Colette e Simone de Beauvoir.

Em suma, são cento e vinte e três (123) homens citados, ao lado de oito (8) mulheres. O quantitativo dá bem a medida da desproporção. Apenas oito mulheres dignas de menção em meio a cento e vinte e três homens renomados. São números que dizem respeito ao que se valoriza, e o que se valoriza na historiografia da literatura francesa foi escrito por homens. Pelo menos, o que se lia e o que se valorizava até os anos de 1950.

Ao se observar atualmente o conjunto dos seis volumes, com um olhar sensível às questões de gênero que permeiam as discussões literárias na atualidade, diante da divisão desigual da presença de mulheres e homens, fica bastante tangível o lugar ocupado pelas mulheres no campo literário e, conseqüentemente, no ensino da literatura. Os homens dominam quase todas as linhas da coleção, perpetuando uma tradição baseada na leitura de livros escritos por homens. Esse olhar é indispensável a docentes do século XXI.

Atualmente, mais do que transmitir conhecimentos acerca do cânone literário francês e levar os estudantes a formarem um repertório de leituras considerado incontornável na formação universitária, os professores de literatura francesa são convidados a trazerem para a sala de aula uma discussão ampla sobre a formação do cânone. Não se trata de deixar de reconhecer o valor das obras já consagradas, mas de ampliar o foco e descobrir, junto com os estudantes, a imensa e rica gama de produções femininas que deixaram de ser lidas tão somente pelos entraves enfrentados pelas mulheres no mundo da literatura.

***Littérature Progressive du Français*, de Nicole Blondeau, Ferroudja Allouache e Marie-Françoise Né**

Littérature Progressive du Français, de Nicole Blondeau, Ferroudja Allouache e Marie-Françoise, é uma coleção composta por três volumes divididos em níveis iniciante, intermediário e avançado. Foram publicados entre 2003 e 2005 e trazem a perspectiva das três mulheres que o compuseram: professoras de literatura francesa que trabalham com o ensino de língua, literatura e cultura francesa para imigrantes.

No “Avant-Propos” (BLONDEAU, ALLOUACHE, NÉ, 2004, p. 3), afirmam que os textos escolhidos para o manual, em sua maioria, são os chamados “clássicos”, ou seja, os que pertencem ao patrimônio literário francês, abrangendo todos os gêneros e são conhecidos da maioria dos alunos ao final do Ensino Médio. E acrescentam que há outros da literatura francófona e ainda outros que testemunham evoluções recentes da escrita literária.

Desse modo, revelam que não apenas se preocuparam em apresentar textos canônicos da França, mas também inserir a francofonia, o que representa uma novidade em relação à obra de Lagarde e Michard. Neste trabalho, o foco recai sobre a representatividade da autoria de mulheres e uma pista a respeito disso já está no próprio “Avant-Propos”, no qual as autoras adotam as grafias *auteure*, *écrivaine* e *professeure*. Trata-se de palavras tradicionalmente utilizadas, em língua francesa, apenas na sua forma masculina: o uso do feminino é indicativo de uma sensibilidade à representatividade da mulher no uso da língua. Espera-se que tal sensibilidade repercuta também na seleção de autores elencados no manual proposto por elas.

A coleção *Littérature Progressive du Français* é bastante encontrada em bibliotecas de universidades brasileiras e indicada como material didático em muitos programas de ensino nos cursos de literatura francesa de universidades que preservam tal disciplina. Por isso, vale a pena debruçar-se sobre seu conteúdo e pensar nas permanências e inovações no ensino da literatura francesa.

Considerando o período medieval, as autoras citam duas mulheres e dois homens, além de alguns textos sem autoria identificada: Christine de Pisan, Villon, Marie de France, Chrétien de Troyes. Em números absolutos, não se vê evolução entre a presença de mulheres na literatura francesa produzida na Idade Média registrada no manual de Lagarde e Michard e no manual de Blondeau, Allouache e Marie-Françoise. Nas duas coleções, as figuras de Marie de France e Christine de Pisan são lembradas. Mas quando olhamos em números relativos, a representatividade feminina é assegurada, posto que 50% do total de autores mencionados são mulheres. Isto é, diante da restrição no quantitativo de autores abordados, preferiu-se proporcionar um equilíbrio entre homens e mulheres.

Quanto ao contexto do século XVI, são mencionados(as): Marot, Ronsard, Rabelais, Louise Labé, du Bellay, Montaigne. O saldo é de uma mulher em meio a cinco homens. Observamos aqui um avanço em relação ao manual de Lagarde e Michard, que não tratava de autoras mulheres no período. Mesmo assim, a representatividade da mulher não está em equilíbrio com a dos homens, o que é significativo não apenas de uma escolha das

autoras em relação ao que ensinar no manual, mas também da sociedade do século XVI, quando as mulheres eram alijadas do campo intelectual e artístico.

A exclusão das mulheres é uma marca da tradição literária ocidental e, por óbvio, os manuais tendem a replicar essa realidade. Em relação ao século XVII, as autoras trazem à baila: La Fontaine, Molière, Racine, La Bruyère, Corneille, Mme de la Fayette, Marguerite de Navarre, Pascal, Mme de Sévigné. Assim, o resultado da somatória é de três mulheres e seis homens. Mais uma vez, em números absolutos, a presença de mulheres neste manual não difere do manual elaborado nos anos 1950. Lá e cá, três mulheres são presentificadas. A diferença está no fato de que eles haviam selecionado Mlle de Scudéry, Mme de La Fayette e Mme de Sévigné, enquanto o manual mais moderno não apresenta Mlle de Scudéry, mas Marguerite de Navarre. Em termos proporcionais, é significativo o avanço em relação ao manual de Lagarde e Michard, considerando a presença de mulheres escritoras, uma vez que 1/3 dos autores citados são mulheres.

Para a literatura do século XVIII, são lembrados(as) Montesquieu, Rousseau, Diderot, Voltaire, Marivaux, Mme Roland, Laclos, Beaumarchais, Fanny de Beauharnais. Entre sete homens, duas mulheres figuram como autoras dignas de serem estudadas. Nenhuma autora constava na seleção de Lagarde e Michard. Logo, trata-se de um passo à frente no intuito de incluir autoras nos manuais didáticos e, por extensão, também nos programas de ensino.

Em relação ao século XIX, o manual faz uma seleção bastante sucinta de autores(as), diante da efervescência literária da época. São elencados(as): Musset, Mérimée, Balzac, Hugo, Nerval, Sand, Desbordes-Valmore, Baudelaire, Verlaine, Rimbaud, Zola, Flaubert, Maupassant, Vallès, Jarry, Lamartine, Stendhal, Dumas (pai), Chateaubriand, Théophile Gautier. Duas mulheres cercadas por dezoito homens considerados representativos. Em especial, resente-se a falta de Mme de Staël. Nessa perspectiva, não se pode considerar que o manual mais moderno, elaborado cerca de meio século depois do manual de Lagarde e Michard, traga progressos relevantes no tocante à presença feminina.

O século XX, por sua vez, apresenta um quantitativo de mulheres importante: vinte e três mulheres ao lado de cinquenta e quatro homens.

São citados: Proust, Cendrars, Apollinaire, Céline, Cocteau, Claudel, Anouilh, Camus, Prévert, Vian, Éluard, Soupault, Cohen, Sagan, Gary, Sartre, Tardieu, Yourcenar, Claude Roy, Sarraute, Le Clézio, Mariama Bâ, Azouz Begag, Maryse Condé, Assia Dejebar, Annie Ernaux, Boris Gamaleya, Taos Amrouche, Miss-Tic, Amélie Nothomb, Almadou Kourouma, Pascal Quignard, Yasmina Reza, Dai Sijie, Érik Orsenna, Éric-Emmanuel

Schmitt, Fred Vargas, Gide, Colette, Breton, Aimé Césaire, Ionesco, Beckett, Aragon, Butor, Simone de Beauvoir, Andrée Chédid, Perec, Duras, Daniel Pennac, Patrick Chamoiseau, Modiano, Nina Bouraoui, Nancy Huston, Michel Tournier, Anna de Noailles, Robert Desnos, Henri Michaux, Jean Giraudoux, Michel Leiris, Francis Ponge, Jacques Roumain, René-Guy Cadou, Mohamed Dib, Léopold Sedar Senghor, Raymond Queneau, Aminata Sow Fall, Pierre Michon, Marie Redonnet, Amin Maalouf, Bernard-Marie Koltès, Didier Daeninckx, François Cheng, Marie Ninier, Agota Kristf.

É considerável que um número expressivo de mulheres sejam tratadas na coleção. Isso parece estar ligado tanto à sensibilidade das autoras quanto a garantir a presença de mulheres na expressão da literatura francesa e francófona (isto fica óbvio no fato de que muitas autoras da francofonia figuram no manual) e à efetiva maior participação das mulheres no campo literário, no decorrer do século XX. Some-se a isso o clamor da sociedade pela visibilidade das mulheres em todos os espaços, sejam eles literários, educativos, políticos.

Ao nos voltarmos para a coleção *Littérature progressive du français*, tendo o foco na representatividade de mulheres, observa-se que o ensino de literatura francesa vem apresentando mudanças em relação à presença de autoras mulheres, embora a história da literatura francesa seja prioritariamente masculina. O cânone é masculino, assim como todos os espaços de poder e de expressão da subjetividade, porém, existe cada vez mais um apelo para que as mulheres também sejam lidas e estejam presentes nos manuais e nas aulas de literatura francesa.

Autoria, ensino do cânone e silenciamento da subjetividade da mulher

É comum haver discursos que questionam a pertinência da discussão sobre a representatividade da mulher no ensino de literatura. Há uma certa ideia de que a escolha das obras a serem ensinadas deve ter como único critério a sua qualidade literária, sem que essa seleção passe por qualquer crivo vinculado a fatores extraliterários (o politicamente correto, a representatividade das minorias). Esse argumento ganha força somado ao fato de que está arraigado em nossa prática pedagógica, os estudantes ainda em formação de repertório precisam conhecer o cânone.

Na constituição de nossa sociedade, os processos históricos e culturais fizeram com que as vozes das mulheres fossem apagadas dos espaços institucionais e literários. Por isso, o cânone formou-se por obras escritas por homens, cujas visões de mundo e sensibilidades estéticas expressas partem do ponto de vista de sujeitos sócio-históricos que

veem, sentem e analisam o mundo de acordo com o lugar que ocupam no tempo e no espaço em que vivem.

Sobre a importância de se inserir a autoria feminina nas aulas de literatura francesa, concordamos com Tedeschi, quando afirma:

Feministas assumidas ou não, as mulheres forçam a inclusão dos temas que falam de si, que contam sua própria história e de suas antepassadas e que permitem entender as origens de muitas crenças e valores, de muitas práticas sociais frequentemente opressivas e de inúmeras formas de desclassificação e estigmatização. De certo modo, o passado encoberto pela névoa das representações hegemônicas precisava ser reinterrogado a partir de novos olhares e problematizações, através de outras ferramentas interpretativas, criadas fora do modelo androcêntrico das ciências humanas e sociais. (TEDESCHI, 2016, p. 154)

Não raro, a mulher é representada na literatura a partir de um olhar masculino, que não tem a vivência da existência como mulher e lança projeções acerca da experiência do feminino. O homem pode criar imagens belas e tocantes, sensíveis e potentes, mas sempre a partir de uma abstração e de uma visão em perspectiva sobre o universo feminino. Nesse sentido, importa pensar na questão da autoria, uma vez que ela pode ser determinante na pluralidade de expressões e sensibilidades humanas na transmissão de conhecimentos, valores culturais, fruição estética e constituições subjetivas.

Na crítica literária francesa, o elemento “autor” é um dos pontos mais controversos dos estudos literários (COMPAGNON, 1998); há um fecundo debate sobre a autoria, que se manifesta em abordagens que vão desde uma análise biográfica de obras literárias, atrelando diretamente a produção do texto à expressão de um indivíduo (modelo bastante desenvolvido no século XIX), até análises que se prendem à estrutura da obra, sem considerar os dados da vida pessoal de quem a escreveu ou do contexto de produção.

Compagnon (1998) lembra que Sainte-Beuve inaugurara a corrente crítica de viés biográfico que vigorou no século XIX, ao estabelecer uma relação direta entre autor e obra, bem compreendida como manifestação de um espírito. Assim, a intenção da sua crítica era a de buscar o particular de cada indivíduo expresso nas obras literárias. A crítica do século XX, por sua vez, envereda por outro caminho, ao prescindir a experiência pessoal do autor. Marcel Proust, com seu *Contre Sainte-Beuve* (1909/1954), foi um dos primeiros a separar a voz que se coloca no texto e a pessoa que segura a pena. E os anos de 1960 e 70 foram emblemáticos ao decretarem a “morte do autor”, haja vista as ideias de Roland Barthes (2004) e de Michel Foucault (2002).

Compagnon (1998) faz um levantamento das linhas mais tradicionais e mais modernas do pensamento crítico (a Filologia, o Positivismo, o Historicismo, os Formalismos

russo e francês, o *new criticism*) e observa que a figura do autor ocupa em todas elas lugar privilegiado no sentido de buscar respostas para as seguintes perguntas: interessa o papel do autor para a literatura? Há importância da relação entre o autor e seu texto para o estudo ou fruição da obra? O autor tem responsabilidade sobre o sentido de sua obra?

Refletir sobre a autoria e as discussões já travadas no campo teórico permite observar que tanto no processo de consagração de obras literárias, quanto no ensino de literatura, as cartas estão sobre a mesa e novas indagações podem surgir à medida que avançam os debates em torno do objeto literário, sempre em relação com o mundo no qual é concebido, lido, consagrado ou refutado.

Se, grosso modo, já foi decretada a “morte do autor”, se a obra literária ganha independência em relação a quem a escreveu, se a análise biográfica de obras é algo já superado na crítica, então, faz diferença que os textos a serem lidos, comentados e ensinados sejam escritos por mulheres ou por homens, por brancos ou por negros, por heterossexuais ou por homossexuais, por europeus ou por africanos, latino-americanos ou asiáticos? Em outras palavras: a autoria feminina deve ser um problema para quem faz crítica literária e uma preocupação no horizonte de reflexões dos professores de literatura?

Diante das indagações, vale a pena pensar inicialmente no cenário brasileiro. Os estudos coordenados por Regina Dalcastagnè (2012) apontam para a homogeneidade do campo literário brasileiro, à medida que autores e personagens são predominantemente (quase exclusivamente) homens, brancos, provenientes da classe média e moradores de grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, os quais expressam discursos facilmente legitimados, ao passo que mulheres são silenciadas, estereotipadas, idealizadas, prostituídas e domesticadas. No contexto francês, não é diferente. Em 2015, Elisa Maudet constatou que são raras as autoras presentes nos programas do ensino básico francês e que os professores e professoras entrevistados por ela nunca sequer haviam questionado a falta de obras escritas por mulheres em seus programas.

Tais estudos podem abrir caminhos para pensarmos na relação entre cânone, ensino de literatura e representatividade da mulher no campo literário. Se, no campo da teoria, a questão da autoria vem sendo debatida e questionada, no campo do ensino, o autor sempre foi figura central. A centralidade do autor está deflagrada tanto na organização de Lagarde e Michard, quanto na organização de Blondeau, Allouache e Né. Sobre o manual dos anos 50, Halté e Petitjean (1974, p. 45) afirmavam: “O foco é evidentemente colocado, não sobre os textos produzidos, mas sobre os autores-criadores. A história literária não é a história da

literatura como seu nome parece indicar, mas a história de certos homens ditos autores” (tradução nossa).

A literatura não está alheia à vida e, ainda que não fale do mundo, nem imite a realidade, existe neste mundo e é lida nesta realidade que se nos apresenta, como conclui Compagnon (1998). E a realidade da vida cotidiana é injusta para com as mulheres, assim como os mecanismos de divulgação, recepção e consagração de obras literárias o são. Mais uma vez, trazemos as palavras de Tedeschi:

As contribuições que os estudos de gênero nos últimos tempos têm dado às ciências humanas e sociais são inquestionáveis, pois, além de tirarem as mulheres da invisibilidade do passado, levantaram um conjunto de questões e reflexões metodológicas importantes. Essas pesquisas apontam para a necessidade de se historicizar os conceitos e categorias analíticas que nos foram delegados pelas narrativas tradicionais, levando-nos ao desafio de captar as transições dos modelos interpretativos da história e alimentar uma nova experiência social crítica em relação aos tradicionais paradigmas culturais hegemônicos masculinos (...). (TEDESCHI, 2016, p. 154)

Nessa perspectiva, ler obras escritas por mulheres configura-se como um ato de resistência e de ruptura contra uma ordem estabelecida. Trata-se, por exemplo, de estranhar um programa de ensino de literatura francesa que traga apenas obras de homens como leituras fundamentais. Trata-se de lançar luz sobre questões tidas muitas vezes como pontos pacíficos: que obras abordar e por quê? Por que determinadas obras e não outras? Em que medida impor obras a serem lidas ou deixar que os estudantes sejam autônomos para escolher? Em que medida se deter no cânone?

No caso das universidades brasileiras, em que a grande maioria dos estudantes chega à graduação em Letras sem conhecimentos prévios do cânone da literatura francesa, é grande a propensão a restringir o programa a autores canônicos, numa tentativa de garantir uma formação basilar sólida, apresentando-lhes obras consideradas fundamentais de cada período. A consequência dessa escolha pode resultar na perpetuação de um ensino de literatura eurocentrado, masculino e branco.

É provável que os professores de literatura francesa tenham que abrir mão de certos paradigmas e dessacralizar o cânone se quiserem quebrar com o silenciamento da voz da mulher na tradição literária. O ensino da literatura é uma das instâncias propícias ao questionamento dos *status quo* da sociedade e dos valores perpetuados no campo literário. É o lugar onde se pode problematizar um cânone formado pela classe e pelo gênero dominantes e refletir sobre os fatores políticos e ideológicos envolvidos nessa seleção. É lugar onde se pode

mensurar em que medida o cânone consegue impactar estudantes de contextos tão diversos e se pensar nos fatores da equação que calcula o valor das obras literárias.

Autores como Halté e Petitjean (1974, p. 46) nos ajudam a observar que o manual de Lagarde e Michard, por exemplo, ainda que seja volumoso, deixa de lado uma série de autores considerados importantes para a historiografia literária francesa e, além disso, limitam-se à literatura nacional. Dizem os autores:

Um rápido recenseamento mostra que não há em nenhuma parte menção aos textos de Gassendi, d'Hollbach, Sade, La Mettrie, Meslier, Cazotte, Saint Martin, Helvetius, Lutrémont, Vallès, Potier, Vaillant, Nizan, Bataille ... Quanto aos autores estrangeiros, seus textos são inexistentes. Faz-se crer que os textos literários não ultrapassam fronteiras, que só existe a literatura nacional. (tradução nossa)

São deveras ricas as reflexões de Halté e Petitjean sobre os critérios de seleção dos autores constantes no manual de Lagarde e Michard. Eles discutem se os nomes notórios ganham lugar nos manuais de ensino ou se, ao contrário, por estarem nos manuais de ensino é que ganham notoriedade. E questionam se os estudantes franceses leem Corneille, porque sua obra corresponde a necessidades culturais, ou se leem porque o manual impõe a leitura. Para Halté e Petitjean (1974), este é um ponto nevrálgico da configuração de uma cultura, por isso, refutam o argumento de que estão nos manuais as obras e autores consagrados pela posteridade. Entretanto, curiosamente, os críticos não ressentem a falta de nenhuma escritora.

Mais uma vez, trazemos à baila a discussão sobre o valor de uma obra, na obra de Compagnon (1998). Para ele, o valor das obras não é devido apenas a critérios objetivos e relativos às características do texto literário, mas a elementos sociais, éticos, estéticos, existenciais, religiosos, filosóficos e ideológicos, todos extraliterários. Assim, o que faz com que mulheres não figurem entre o cânone literário não tem a ver necessariamente com a qualidade do texto escrito, mas com a misoginia da sociedade ocidental, que exclui as mulheres dos lugares de fala e de poder.

Ao se dar visibilidade a textos escritos por mulheres, questiona-se o cânone, descortina-se um universo a mais, quebram-se paradigmas discursivos e identitários, difundem-se perspectivas plurais de mundo, abre-se a sensibilidades múltiplas, expõe-se o novo, movimenta-se a tradicional referência dos discursos, porque o mundo passa a ser contemplado, apreendido e narrado a partir de outros pontos de vista.

Nesta esteira de pensamento, nos últimos tempos têm surgido manuais com o objetivo de darem a ver as obras escritas por mulheres. Um exemplo é *Écrivaines du XIX^e siècle* (HARBECK; BOURBONNAIS, 2020), que lança luz sobre os escritos das mulheres pioneiras do século XIX, ilustrando as dificuldades impostas a elas na vida literária do tempo.

Conclusão

O objetivo deste artigo foi o de discutir a presença de autoras mulheres no ensino de literatura francesa, a fim de refletir sobre questões de gênero envolvidas na formação do cânone, na elaboração dos materiais didáticos e no ensino de literatura. Para tanto, trouxemos como exemplo dois manuais concebidos em temporalidades distintas e que são bastante utilizados por professores de literatura francesa na realidade brasileira.

Les grands auteurs du programme foi elaborado nos anos de 1950 por André Lagarde e Laurent Michard; *Littérature Progressive du Français*, por sua vez, foi lançado nos anos 2000, por Nicole Blondeau, Ferroudja Allouache e Marie-Françoise Né. O primeiro revela-se prioritariamente formado por autores homens, enquanto o segundo traz avanços no sentido de garantir que mulheres sejam representadas na historiografia literária. Os avanços parecem estar relacionados a dois fatores: (1) ao contexto de um mundo mais sensível à inclusão das mulheres em diferentes espaços sociais e (2) à condição das autoras do manual - mulheres sensíveis ao universo da francofonia e professoras voltadas para o ensino de literatura para imigrantes.

Essa discussão passa por inquietações que não apenas tangenciam, mas estão no centro dos estudos literários. Historicamente, costuma-se refutar reflexões dessa natureza, argumentando-se que a consagração das obras a serem ensinadas está relacionada à estrutura ou ao estilo das obras. É comum ouvirmos que não se pode valer de valores de ordem ideológica e política na decisão sobre o que será ensinado. Nesse sentido, os apontamentos de Compagnon (1998) foram valiosos para nossas ponderações.

A discussão aponta para a necessidade de se repensar os programas de ensino de literatura em língua francesa. Atualmente, vive-se um momento histórico propício para o questionamento de um cânone quase exclusivamente masculino (o que é perpetuado pelos programas escolares e pelos manuais didáticos) e tentar contribuir para que obras escritas por mulheres sejam mais lidas.

Dessa forma, as aulas de literatura francesa - apoiadas por manuais que propiciam a leitura de autoria feminina - poderão afirmar-se como caminhos horizontais, plurais e transversais na abordagem do texto, ao revelarem histórias reprimidas, ao subverterem o cânone, ao proporem resistências à imposição opressiva do patriarcado.

Concordamos com Bret e Berton-Schmitt (2013), quando afirmam que muitos estudos têm atestado que muitas mulheres foram autoras e artistas célebres em seu tempo, mas que a história as esqueceu. Para as autoras, o manual escolar (acrescentamos aqui os

universitários também) poderiam servir como uma oportunidade para que tais mulheres saiam do esquecimento e sejam valorizadas. Além disso, os manuais são excelentes exemplos para explicar o processo de exclusão e falar da disparidade entre homens e mulheres na literatura.

Referências

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 65-70.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BLOCH, Harold. **Misoginia Medieval e Invenção do Amor Romântico Ocidental**. São Paulo: Editora 34, 1995.

BLONDEAU, Nicole; ALLOUACHE, Ferroudja. **Littérature progressive du français: avec 600 activités : niveau avancé**. [Paris]: CLE International, 2005.

BLONDEAU, Nicole; ALLOUACHE, Ferroudja; NÉ, Marie-Françoise. **Littérature progressive du français: avec 600 activités : niveau débutant**. [Paris]: CLE International, 2004.

BLONDEAU, Nicole; ALLOUACHE, Ferroudja; NÉ, Marie-Françoise. **Littérature progressive du français: avec 600 activités : niveau intermédiaire**. [Paris]: CLE International, 2003-2004.

BRET, Marie-Lou; BERTON-SCHMITT, Amandine. Une extrême invisibilité des femmes dans l'ensemble des manuels étudiés. In: _____. **La représentation des femmes dans les manuels de français**. Paris: Centre Hubertine Auclert, Études, nov. 2013, p. 18-20. Disponível em: < https://www.centre-hubertine-auclert.fr/sites/default/files/images/etude_2013_francais_cha_web.pdf >. Acesso em: 19 jun. 2022.

COMPAGNON, Antoine. **Le démon de la théorie**. Paris: Éditions du Seuil, 1998.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro/Vinhedo: Editora da Uerj/Editora Horizonte, 2012.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Portugal: Veja/Passagens, 2002.

HALTE, Jean-François ; PETITJEAN, André. Pour une théorie de l'idéologie d'un manuel scolaire. Le Lagarde et Michard : le cas Diderot. **Pratiques : linguistique, littérature, didactique**, n°1-2, 1974. pp. 43-64. Disponível em : <

https://www.persee.fr/docAsPDF/prati_0338-2389_1974_num_1_1_899.pdf. Acesso em : 05 set. 2022.

HARBEC, Valérie; BOURBONNAIS, Guy. **Écrivaines du XIX^e siècle**. Paris: Beauchemin, 2020.

LAGARDE, André; MICHARD, Laurent. **Les grands auteurs français du programme**. Paris: Bordas, Collection Textes et Littérature, 1955. (vol. I a VI).

MAUDET, Elisa. Les Femmes des Lettres. Ces grandes oubliées des programmes. **Libération**, 24 de abril de 2015 [http://www.liberation.fr/societe/2015/04/24/les-femmes-de-lettres-ces-grandes-oubliees-des-programmes_1246485 - acesso em: 20 de setembro de 2017].

MICHELET, Jules. **La Sorcière**. Paris: Dentu et Hetzel, 1862.

PLANTÉ, Christine. La place des femmes dans l'histoire littéraire : annexe, ou point de départ d'une relecture critique ? **Revue d'histoire littéraire de la France** 2003/3 (Vol. 103), p. 655-668. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-d-histoire-litteraire-de-la-france-2003-3-page-655.htm> >. Acesso em: 13/05/2020

PROUST, Marcel. **Contre Sainte-Beuve**. Paris: Gallimard, 1954.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres.

Ráido, Dourados, MS, v.10, n.21, jan./jun. 2016, pp. 153-164.

Les manuels d'enseignement de littérature française: une discussion sur le genre, le canon et l'enseignement

Résumé

Dans ce travail, on propose faire une discussion à propos des rapports entre le genre, le canon et l'enseignement, ayant comme point de départ les deux manuels suivants: *Les grands auteurs du programme*, élaboré dans les années 1950 par André Lagarde et Laurent Michard; et *Littérature Progressive du Français*, élaboré dans les années 2000 par Nicole Blondeau, Ferroudja Allouache e Marie-Françoise Né. Ces manuels sont assez diffusés au Brésil. Le but c'est d'y observer la visibilité des écrivaines et, ainsi, faire déclencher des réflexions sur l'effacement des œuvres écrites par des femmes tout au long de l'histoire littéraire française. Tel effacement est visible dans la formation du canon, dans les manuels didactiques et dans l'enseignement de littérature. L'article compte sur les travaux de Bloch, Michelet, Compagnon, Proust, Barthes, Foucault et Dalcastagnè, parmi d'autres, et démontre que, aujourd'hui, l'enseignement d'une littérature faite par des femmes c'est un sujet apporté par les étudiants universitaires et les professeurs de littérature française sont de plus en plus invités à faire face aux manuels d'une façon critique.

Mots clés

Manuels de littérature française. Littérature et genre. Enseignement de littérature française.